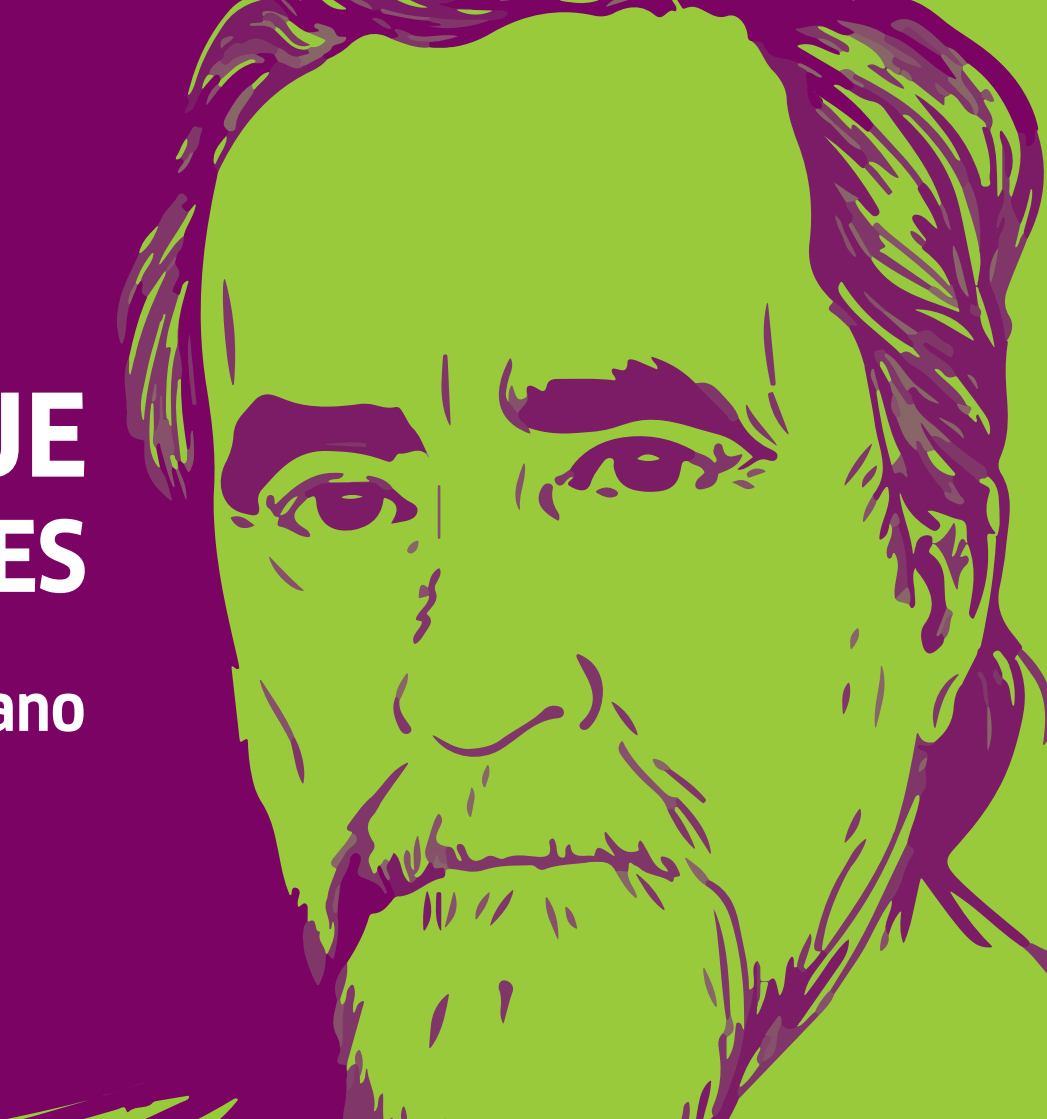


HENRIQUE ABRANCHES

Um Traço Angolano



Capa: Autorretrato digital de Henrique Abranches, ano desconhecido.
Empréstimo de Lito Silva.

MAAN

Memorial Dr. António Agostinho Neto



HENRIQUE ABRANCHES
Um Traço Angolano

Catálogo da exposição no Memorial Dr. António Agostinho Neto
Outubro de 2021 – Janeiro de 2022

Gabriele Stiller-Kern & Arno Holl: Henrique Abranches – Um Traço Angolano	4
Pepetela: O Homem dos Sete Talentos	7
Estúdio Olindomar: Uma entrevista fictícia	15
Cristina Pinto: Nota Biográfica	17
Catálogo de obras	23
Informações legais	49



HISTÓRIA ★ DE ANGOLA



afrontamento

“Henrique Abranches foi um tipo fantástico. Foi um grande ser. Nós temos a obrigação de fazer com que esse nome permaneça nos anais da história da Banda Desenhada.”

Abraão Eba, em entrevista no 1º de Maio de 2021

A ideia para esta exposição surgiu numa conversa com o artista Abraão Eba, no âmbito da produção de um pequeno video-retrato sobre o Henrique Abranches para o projecto “AfriComics”. Trata-se de uma iniciativa do Goethe-Institut em 14 países do continente africano que tem como objectivo incentivar a Banda Desenhada nos respectivos lugares.

Com cada entrevista, cada passo do projecto, a imagem do Henrique Abranches ficou mais complexa, mais intrigante, mais colorida. Notamos que a sua importância vai muito além da Banda Desenhada, sendo o seu nome envolvido nos mais diversos capítulos da história do país. Esteve activo na guerra de libertação, na fundação de vários museus, em pesquisas antropológicas e arqueológicas, na criação de notas de Kwanzas, na União dos Escritores e na União Nacional dos Artistas Plásticos, entre outros.

Mas a sua criatividade não parou por aí. Pintava, desenhava, foi um escritor de destaque nacional, e criou na sua casa uma escola de Banda Desenhada, uma das suas grandes paixões. Pode-se dizer que a Banda Desenhada angolana foi fundada por ele, já nos tempos em Argel. Formou os futuros protagonistas da cena, que considerava como filhos e que aconselhava além das artes em praticamente todas as áreas da vida.

Henrique Abranches esteve ligado tanto às tradições e mitos angolanos, quanto a ficções futuristas e mundos alternativos. Assim acreditamos que mesmo não estando mais em vida, ele pode servir de inspiração para muitos jovens talentos, e queremos passar um pouco do seu espírito nesta exposição.

Agradecemos ao Memorial Dr. António Agostinho Neto, que acolheu o nosso projecto com muito entusiasmo, a Pepetela, por aceitar o nosso convite de contribuir um texto para este catálogo, a Abraão Eba, Olímpio e Lindomar de Sousa, Sérgio Piçarra, Lito Silva e Carnot Júnior, que nesta sequência permitiram ser entrevistados para o video-retrato e apoiaram também o restante do projecto, Wanda Lara e toda Associação Tchiweka por abrirem seus arquivos para nós, Cristina Pinto pelo seu imprescindível apoio na busca e pelo empréstimo de peças, Henrique e Gabriela Guerra, Mbeto Traça, Paula Pena, Paulo Abranches, Francisco Van Dúnem, Raquel Andrade, Victorino Kiala, o Museu da Moeda e o Instituto Nacional do Património Cultural pelos empréstimos, Roberto Manhães Reis e Viola Scheuerer pela montagem do documentário, Crispim Catuco pela filmagem, Njoy Fontes pelas fotografias das obras, e Flávio Armando António, Maria Abranches e José Paulo Abranches por nos garantir a bênção da família.

Agradecemos também ao Ministério da Cultura, Turismo e Ambiente pelo generoso empréstimo. Esta publicação tornou-se possível graças à gentil cooperação do Estúdio Olindomar. O documentário será exibido também na página web do projecto AfriComics, com legendas em alemão, inglês e francês.

Gabriele Stiller-Kern & Arno Holl

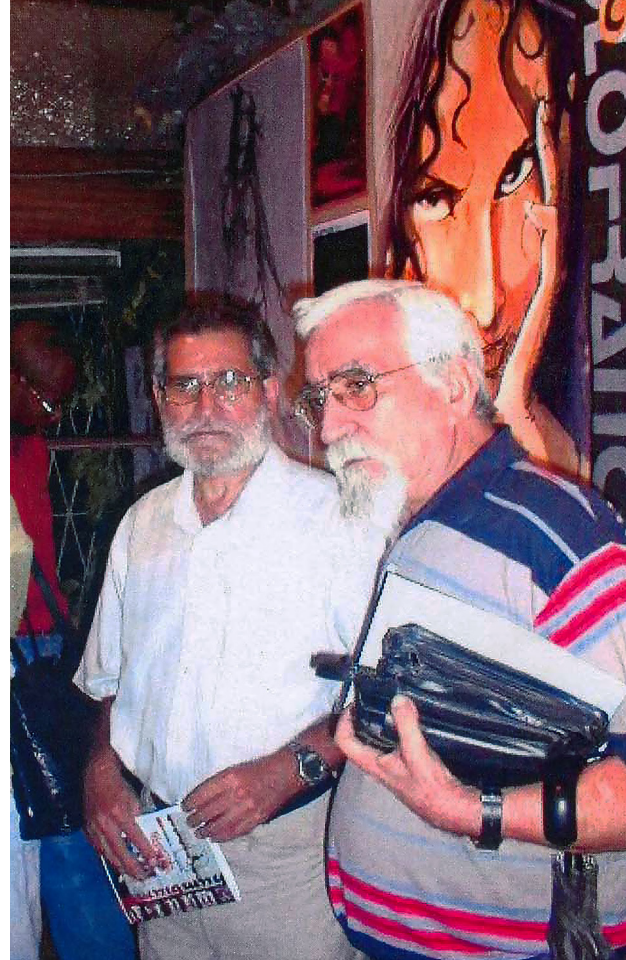


Henrique Abranches em Angola, 1976. Foto de Augusta Conchiglia.
Arquivo Lúcio Lara – ATD.

O HOMEM DOS SETE TALENTOS

O meu primeiro contacto com o Henrique Abranches foi através do seu livro “Diálogos”, publicado pela Casa dos Estudantes do Império (C.E.I.) em 1961, creio. Como o título indica, eram mesmo diálogos, no estilo de Platão, que apresentavam e descreviam situações no sul de Angola. E fiquei imediatamente impressionado pela capacidade de efabulação do Abranches, utilizando um meio narrativo difícil e delicado como é o diálogo, por alguns considerado o supra sumo da arte literária.

Estava já no exílio em Paris ou Argel quando ouvi falar do Henrique, então chegado a Lisboa, de residência vigiada pela polícia política depois da sua prisão no Lubango, e logo iniciando um cursinho de Etnografia na C.E.I. Incorrígível, só para perturbar algumas mentes e provocar a Pide! Mais tarde chegaram-me às mãos os apontamentos desse curso.



Pepetela e Abranches no lançamento do Fanzine BD Humbiumbi, Luanda, 2000. Arquivo Estúdio Olindomar.

Novidade absoluta. Embora houvesse gente, estudiosos coloniais, fazendo trabalhos sobre etnografia angolana, ninguém se tinha lembrado de ensinar essas matérias com um espírito nacionalista a uns jovens estudantes interessados em aprender coisas sobre a terra. Pela orientação que lhes era dada, essas lições roçavam o subversivo, no entender das autoridades colonialistas de Lisboa. Não podia ser de outra maneira.

O homem chegava pois pela fama antes de ser presente fisicamente. Mas depois tornou-se realidade material, ao nos aparecer subitamente em Argel em 1964, fugido de Portugal. E vinha com um projecto na cabeça: organizar um centro de estudos angolanos. A Argélia na época servia de uma espécie de depósito para os militantes do MPLA que, por uma razão ou outra, estavam afastados da participação directa na guerra pela independência. Eu aproveitava para estudar na universidade e vivia com a família Adolfo Maria e Lena. Outros eram alguns médicos, exilados temporariamente como o João Vieira Lopes, o Mário Afonso de Almeida (Kassessa) e o Edmundo Rocha. Os seis formámos a direcção do Centro de Estudos Angolanos (CEA), apoiados pela Lena, mulher do Adolfo. Muita coisa foi feita então no domínio da História, Economia, Literatura, Antropologia, Sociologia, etc.

E o bom do Abranches, que andava a fazer nas horas vagas uma história em Banda Desenhada, um dia apresentou-me as pranchas com os desenhos e disse-me: “Bem, podias escrever os diálogos aí nessas bolas”? Suprema maldade. Ele concebeu a estória, desenhou tudo e até mesmo as bolas a tinta da China e eu tinha de inventar uns diálogos que coubessem naquelas bolas, inamovíveis e de tamanho fixo. Bem, lá

fizemos isso, com muitas discussões no meio, como não podia deixar de ser. Esse livro de Banda Desenhada foi depois impresso em Argel e espalhado pelas regiões em luta e chamava-se “Pela Liberdade, contra a Escravidão”. Se não é esse o título exacto, é parecido.

Vai daí, o Abranches resolveu criar uma revista de Banda Desenhada e formar um grupo de jovens argelinos para o ajudarem na tarefa. Formou-os antes nas artes do desenho, claro. Talvez poucos saibam em Angola, mas é verdade histórica e irrefutável ter sido ele o pai da Banda Desenhada argelina. Esses jovens, hoje já muito pouco jovens, formaram outros e provavelmente continuam com essa actividade. Depois, o Henrique Abranches voltou a repetir a operação em Angola, criando a primeira geração de banda-desenhistas aqui da banda.

Tive também, ainda na Argélia, o raro privilégio de ler o original do seu espantoso livro “A Konkhava de Feti”. Na época era a segunda versão pois a primeira se perdera. Depois ele acrescentou uma parte. E em Angola, depois da Independência, hesitava em publicar, achava que lhe faltava uma segunda parte. Fui um dos que o encorajou a publicar assim mesmo incompleto, porque só para ele o estava, pois se tratava de romance completíssimo, um marco indelével, fundador. Mas de vez em quando dava-lhe uma nuvem e só fazia poesia. Encheu alguns cadernos, com aquela letra arrevesada e dezenas de erros ortográficos. Porque os génios são assim, têm as suas mazelas e as fraquezas do Henrique diziam respeito à ortografia; os psicólogos têm um nome para isso e não se trata de ignorância mas de doença. Coitado, imagino-o na escola,

levando reguadas por dar erros no ditado, quando era certamente o melhor aluno de Língua Portuguesa da classe. Também Mozart era epiléptico e isso nunca inferiorizou a sua música, mas provavelmente chumbaria num exame académico de solfejo, se estivesse num dos maus dias.

Mas ainda não toquei senão lateralmente num dos dons deste nosso saudoso amigo, talvez o seu maior. A pintura e o desenho. Que infelizmente abandonou nos seus últimos anos, inventando os mais disparatados pretextos: ou porque não tinha espaço, ou porque não tinha tintas, ou porque mais prosaicamente não lhe apetecia. Aí desconseguimos mesmo de o fazer trabalhar mais, não mais desenhou a sério, não mais pintou. Acho que tem a ver com a extraordinária clarividência que o atormentava quando pintava e via coisas muito antes de terem acontecido, como se o papel em branco fosse uma bola de cristal. E ele temia cair em depressão porque não há razões nesta vida para grandes ilusões e entusiasmos. Teoria minha, não sou psicólogo, devo estar errado e outra é a razão de ele não mais querer exprimir-se através da pintura. E que coisas espantosas ele pintou. Tenho em casa uma relíquia, o herói Nambalisita desafiando o deus Kalunga, uma lenda de David e Golias passado no sul de Angola. E há um primoroso regresso do comício, nos tempos do voluntarismo militante, aguarela na posse de uma amiga, a qual mostra que o Henrique Abranches só fingia não estar a adivinhar o que se ia passar nossa terra de equívocos.

Ligado a este tipo de actividades, apareceu também no Henrique outro talento, o de publicista. Nos tempos do capitalismo bárbaro (para não usar o lugar-comum de selvagem) que se seguiu ao socialismo esquemático, no princípio dos anos 90, criou uma empresa, a que quis associar alguns amigos mais próximos e que se

ocupava de publicidade, a “Imagem”. Encheu de vida o trabalho pedagógico de explicação da população para as eleições de 1992 com algumas ilustrações de mestre. Quer dizer, também foi capaz de ser gestor.

E neste aspecto surpreendeu toda a gente, pois quem o conhecia sabia das suas dificuldades em gerir dinheiro, gastava tudo o que ganhava num sonho qualquer. Também tenho uma explicação para isso: vem da família, fidalgos portugueses que perderam as riquezas, embora não totalmente empobrecidos. A aristocracia sempre teve um comportamento financeiro esbanjador, sem fazer contas do futuro, preferindo viver uns dias bem, estoirando tudo, para depois ir amargando a pobreza dos muitos dias seguintes. O Abranches sempre precisou de quem ficasse com o dinheiro que ele ganhava e o administrasse, pois era um verdadeiro desastre a fazer compras, escolhendo o produto não pela relação qualidade-preço mas por um outro critério qualquer que era só dele. Comprava o que lhe agradava, não o que lhe fazia propriamente falta.

Onde talvez tenha levado mais longe a demonstração do seu talento foi nos romances que não sei se poderemos chamar de ficção científica. Ficção tout court. Os mundos que ele criava, com o requinte de inventar paisagens, cidades, arquitecturas, filosofias, religiões, vocabulários, pelo puro prazer de inventar, de filigranar realidades e sofrer a vertigem do demiurgo, são mais uma vez pedras basilares que ficarão para a literatura angolana. Um dia o mundo vai reconhecer tanto talento, tanta imaginação espalhada com o vento, ou então o mundo será sempre injusto.

Tendo também ligação com o seu gosto pela história, a do passado ou a do futuro, veio-lhe uma veia a dado momento de artesanato artístico, se assim se pode chamar. Coleccionou alguns livros com imagens de barcos antigos e começou a reproduzi-los em miniaturas de madeira, com todos os detalhes. Para nós fez uma caravela, réplica exacta de uma daquelas que a estas paragens aportou trazendo o Diogo Cão e o Paulo Dias de Novaes. Até os barris de vinho tinha no porão. Infelizmente, o salalé não respeita obras de arte e a caravela foi devorada.

Estudioso de antropologia e história, prosador, poeta, desenhador, banda-desenhista, professor, pintor, construtor de navios em miniatura, criador de empresas e amigo leal, tudo isso era numa só pessoa, esse homem de sete talentos ou mais, muito mais. Espero que seja recordado sempre como o criador da Banda Desenhada angolana e que tenha muitos seguidores, pois bem o merece.

Pepetela

Luanda, Agosto 2021



Visita do Presidente da República Democrática da Alemanha (RDA) ao Museu Nacional de Antropologia. Erich Honecker, Agostinho Neto, António Jacinto e Henrique Abranches, director do Museu. Luanda, 21 de Setembro de 1979. Foto do Arquivo Lúcio Lara - ATD.



■ Lindomar de Sousa, Olímpio de Sousa, Vadinho, Henrique Abranches e Adão Kiluanji, Luanda 1998. Fotografia de Flávio Armando A.



Uma entrevista fictícia. Extracto de uma prancha desenhada por Olímpio de Sousa, 2000. Arquivo Estúdio Olindomar.



Uma entrevista fictícia. Extracto de uma prancha desenhada por Olímpio de Sousa, 2000. Arquivo Estúdio Olindomar.

Nota Biográfica

Henrique Mário Lopes de Carvalho Moutinho Abranches, nasceu em Lisboa na freguesia de S. Sebastião da Pedreira em 29 de Setembro de 1932. Filho de Luiz Afonso Moutinho Abranches e de Maria Luiza Lopes de Carvalho Moutinho Abranches, segue com os pais para Angola quando tinha apenas 15 anos. Segue para Portugal para fazer os estudos secundários. Já de regresso a Luanda em 1952, com 20 anos de idade, é recenseado e alistado para cumprir o serviço militar português obrigatório. Já tinha o sexto ano liceal em 1954, o que permitiu tirar o curso de sargentos milicianos de infantaria na Escola de Quadros Militares.

Em 14 de Julho de 1955 obteve a passagem à disponibilidade de serviço militar e vai para a cidade de Sá da Bandeira (Lubango). Aqui começa a sua actividade como topógrafo e inicia os seus estudos etnográficos a partir do contacto directo das populações rurais e das obras do Padre Estermann e José Redinha. Foi colaborador das revistas Mensagem da Sociedade Cultural e Cultura II da Associação Anangola. É aqui que também começa a exercer a sua actividade como escritor e artista plástico. Participou em exposições colectivas de artes plásticas e realizou uma exposição individual no Museu de Angola.

Em 1960 trabalhou como funcionário bancário no Banco de Angola. Realizou vários trabalhos de antropologia e da arte tradicional angolana e chegou a instalar-se em Moçâmedes (Namibe). Em 1961 com o desencadear da luta armada a 4 de Fevereiro, foi preso pela PIDE (durante dois dias), e expulso de Angola juntamente com outros camaradas. Foi colocado em Lisboa com residência fixa.

Em Lisboa integra-se na Casa dos Estudantes do Império. Faz o Curso de Etnologia Angolana e participa em conferências em Lisboa e Coimbra. Continua a ser perseguido pela PIDE e em 1962 decide fugir de Portugal pelas montanhas do Vale do Douro, atravessa a fronteira de Espanha por Valência e chega a Paris de comboio. Em Paris tem contactos com o MPLA, recebe orientações e em 1963 parte para a Argélia. Em Argel, juntamente com Pepetela e Adolfo Maria, funda o Centro de Estudos Angolanos. Realizou vários trabalhos entre eles “Elementos para o Estudo Etno-Histórico de Angola” (09.03.1964) e elaborou a “História de Angola” com Pepetela e Adolfo Maria que depois da independência uma nova edição foi editada e adoptada para o ensino secundário.

Em 1973, Henrique Abranches segue para o Congo Brazzaville e é destacado como Comissário Político das FAPLA no Centro de Instrução Revolucionária – CIR Kalunga, cujo Director do Centro era António Jacinto do Amaral Martins. Regressa a Angola em 1975. Nessa altura é membro do Comando Operacional de Luanda – COL, situado na Vila Alice e fez parte da fundação, juntamente com o Comandante Gilberto Teixeira “Jika”, do Comissariado Político Nacional e da Escola de Oficiais Comandos, localizado no Morro

da Luz. Logo após a Independência chegou a ser o Chefe de Recrutamento e de Incorporação Regular de Mancebos para as Forças Armadas Populares de Libertação de Angola – FAPLA. Esteve igualmente a dirigir a Polícia Militar. Em 1976 é-lhe concedida a nacionalidade angolana pelos relevantes serviços prestados à luta de libertação nacional.

Ainda nesse ano deixa o serviço militar e é nomeado Director Nacional dos Museus e Monumentos até 1979, altura em que funda e dirige o Laboratório Nacional de Antropologia e organiza a Missão Etno-Histórica do Soyo e a Estação Arqueológica de Kital ao Sul de Luanda. Nessa altura é também professor de Etnologia na Faculdade de Direito da Universidade Agostinho Neto.

Por sugestão de Henrique Abranches a estatueta o “Pensador” lunda, tornou-se símbolo da Cultura Nacional. Foi um dos membros fundadores da União dos Escritores Angolanos. Durante esse período publica vários artigos de Antropologia e alguns ensaios sobre “Cultura Nacional e Museologia” e “sobre Culturas Regionais Angolanas” em 1979 pela União dos Escritores Angolanos. Impulsionou a fundação da União dos Artistas Plásticos e revelou-se como um artista plástico muito criativo.

Dado o seu gosto pela história, revelou-se como um brilhante artesão artístico construindo barcos antigos, caravelas em miniaturas de madeira com bastantes detalhes. Foi também um grande impulsionador da Banda Desenhada através de formação, de acção pedagógica e de edição.

Em 1981 é chamado pela Presidência da República de Angola para chefiar a equipa que, em parceria com uma delegação cubana da Academia das Ciências, realizaria o “Inquérito sobre a Questão Nacional”. Entre 1979 e 1989, Henrique Abranches cria o Museu de Antropologia de Luanda, o de Arqueologia em Benguela e o Museu das Forças Armadas.

Nos anos 90, a sua paixão pelo computador da IBM, começa a desenhar as primeiras “softgravuras”, fazendo maravilhas com a sua imaginação criativa. Com dezenas de títulos publicados, foi-lhe atribuído por duas vezes, em 1981 e 1989, o Prémio Nacional de Literatura.

Foi autor de uma vasta obra:

Teatro

Diálogo, CEI, Lisboa (1962)

Diálogo, UEA, Luanda (1987)

Poesia

Cântico Barroco, UEA, Luanda (1987)

Sobre a Colina de Calomboloca, UEA, Luanda (1987)

O Elogio do Paradoxo, Edição Chá de Caxinde, Luanda (1998)

Romances

Konkhava de Feti, UEA, Luanda (1981)

O Klã de Novembrino (3 volumes), UEA, Luanda (1989)

Kisoko de Guerra (2 volumes), UEA, Luanda (1989)

Titânia (ficção científica), UEA, Luanda (1993)

Misericórdia para o Reino do Kongo, UEA, Luanda (1996)

Os Senhores do Areal, Campo de Letras, Porto (1998)

Contos Divagantes, Edições Chá de Caxinde, Luanda (1998)

As Marés de Bacilon (2 volumes), UEA, Luanda (2000 - 2001)

I - *O Ovo Magentino* (ficção), Executive Center (2000)

II - *A Balada de Kaloy Bura* (ficção), Executive Center (2001)

E Nsanta Madiya habitou entre nós, Edições Chá de Caxinde, Luanda (2002)

Bandas Desenhadas (Direcção e Participação em Álbuns)

Contra a Escravidão, CEA, Argel (1965)

Os Bucaneiros dos KK (com Sérgio Piçarra), UEA, Luanda (1989)

Massala, o Leopardo (com Lito Silva), UEA, Luanda (1989)

Fragmentos Angolanos (com Sérgio Piçarra, Lito Silva e Hugo Fernandes), UEA, Luanda (1989)

Jornal do Mankiko - revista de Banda Desenhada em conjunto com os seus alunos, Imagem LDA, Luanda (1993)

Ensaaios

Elementos para o Estudo Etno-Histórico de Angola, CEA, (1964)

História de Angola (co-autoria com Pepetela e Adolfo Maria), Argel (1965)

Sobre o Feiticismo, IAL, Luanda (1978)

Manual de Museologia, IAL, Luanda (1979)

Sobre as Culturas Regionais Angolanas, Cadernos Lavra e Oficina, UEA, Luanda (1979)

Reflexões sobre a Cultura Nacional, UEA, Luanda (1980)

Identidad Y Patrimonio Cultural, Ed. Ciências Sociais, Havana (1988)

Sobre os Basolongo, Arqueologia da Tradição Oral, edição especial da Fina Petróleos de Angola, Luanda (1991)

Cristina Pinto

HENRIQUE ABRANCHES

Obras

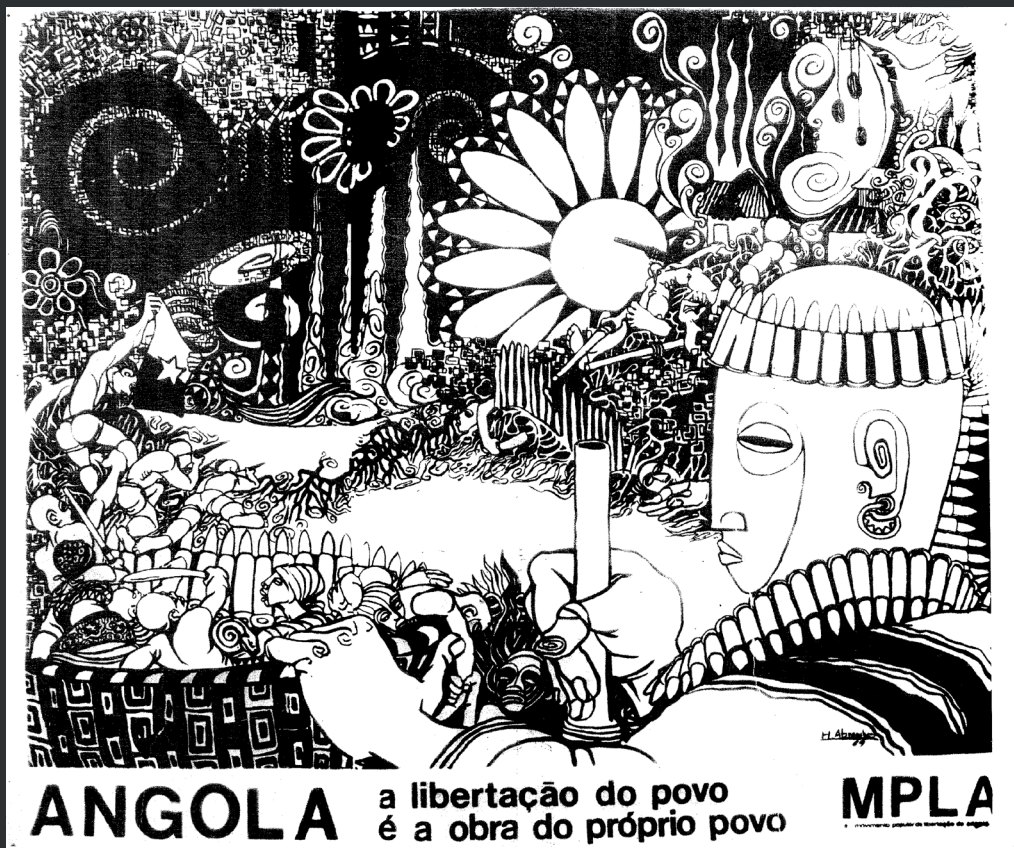




Ilustração de Henrique Abranches, 1960. Faz parte de uma colecção editada para comemorar o XI Festival da Juventude e Estudantes. Arquivo Lúcio Lara - ATD.



Ilustração de Henrique Abranches para o seu livro "A Konkhava de Feti", 1981.



“Angola – a libertação do povo é a obra do próprio povo”, ano desconhecido. Ilustração à base de um mural na casa de Henrique Abranches em Argel. Arquivo Lúcio Lara - ATD.



Ilustração de Henrique Abranches para o seu livro "A Konkhava de Feti", 1981.



Ilustração de Henrique Abranches para o seu livro "A Konkhava de Feti", 1981.



"Homenagem aos mártires angolanos", Panfleto do CEA com desenho de Henrique Abranches, ano desconhecido. Arquivo Lúcio Lara – ATD.



Litografia de Henrique Abranches, tematizando a luta armada contra o colonialismo, ano desconhecido.
Arquivo Lúcio Lara - ATD.



SEGUNDA LIÇÃO (2)

1. Vamos ler:

O povo está unido
u i

2. Vamos ler:

U I
u i



Capa de "Babum da Egolândia", Banda Desenhada de Henrique Abranches, 1989.

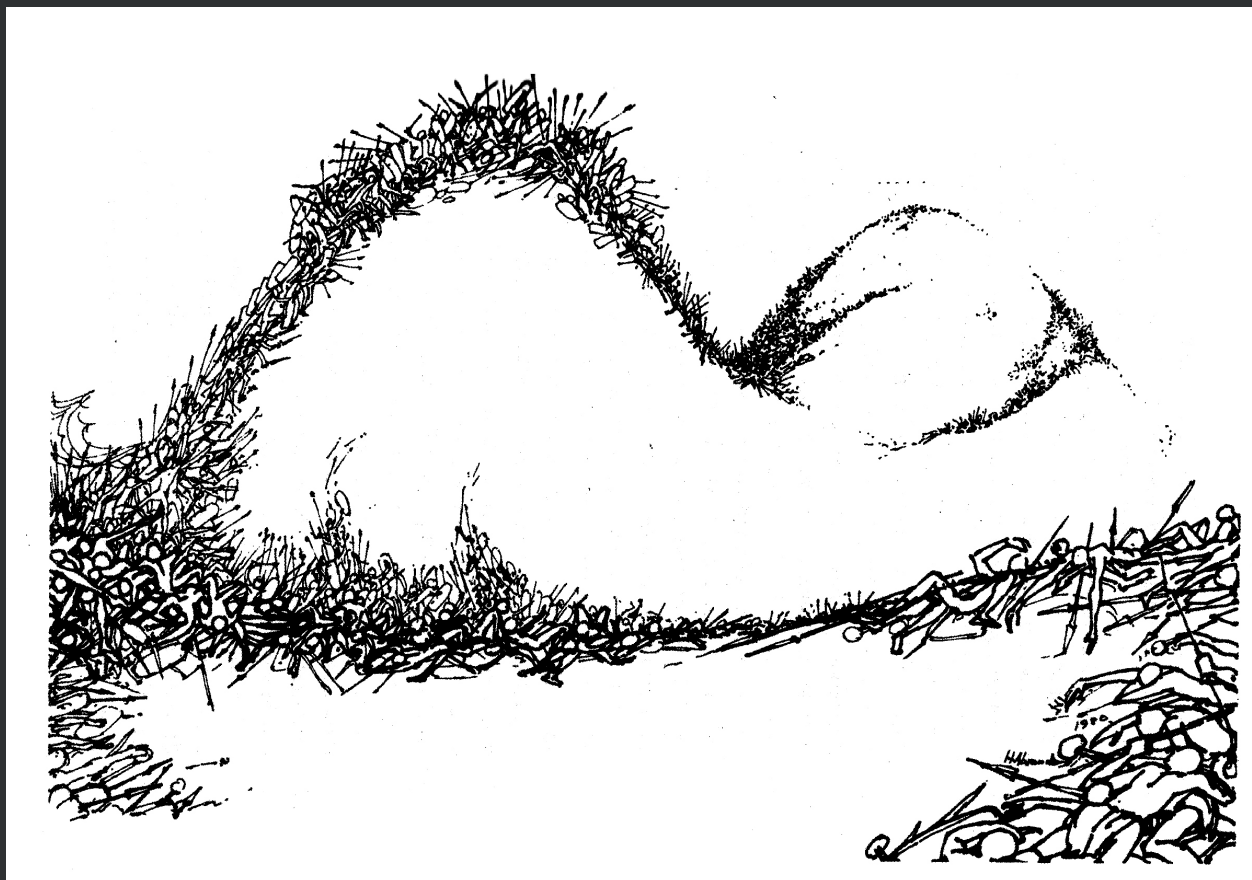


Ilustração de Henrique Abranches para o seu livro "A Konkhava de Feti", 1981.



“Joana Mulata ao som e à luz do kisanje”. Desenho de Henrique Abranches, 1985. Arquivo Lúcio Lara – ATD.



“Primeiro Encontro de Lueji e Tchibinda Ilunga”. Postal com desenho de Henrique Abranches para o romance de Pepetela, 1987/92 (est.). Arquivo Lúcio Lara – ATD.



"Banga". Desenho de Henrique Abranches, 1974. Arquivo Lúcio Lara - ATD.



H. Abranches
Baga - 13.8.74

“Baga”. Desenho de Henrique Abranches, 1974. Arquivo Lúcio Lara - ATD.



Quadro de Henrique Abranches, 1977. Empréstimo de Raquel Andrade.



Quadro de Henrique Abranches, 1976. Empréstimo de Mbeto Traça.



"Nambalisita desafiando o deus Kalunga". Quadro de Henrique Abranches, 1984. Empréstimo de Paula Pena.



Quadro inspirado na capa do livro "Misericórdia para o Reino do Kongo", 1990. Empréstimo de Cristina Pinto.



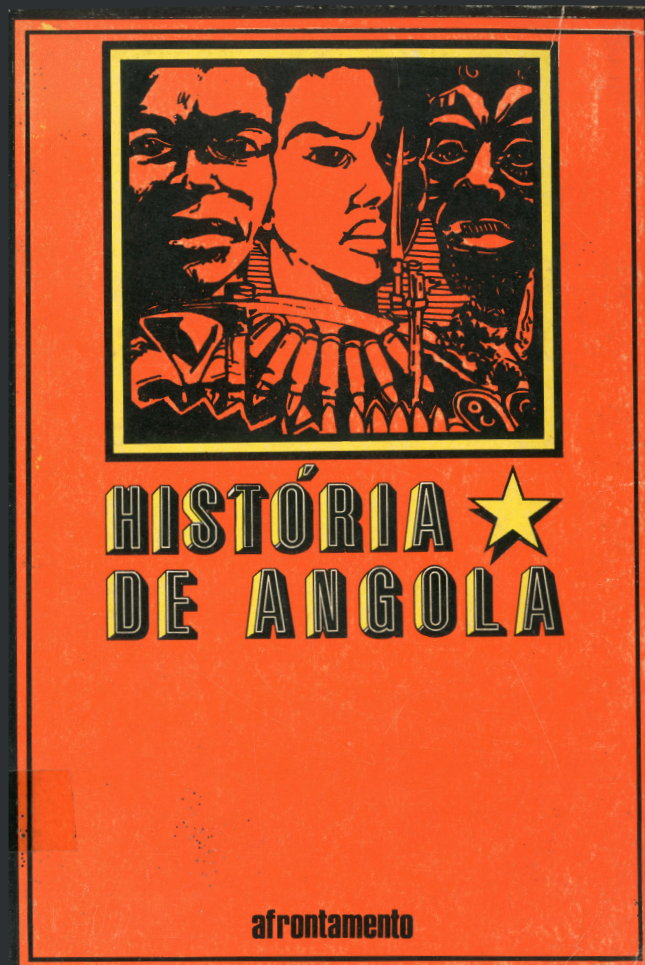
Quadro de Henrique Abranches,
1976. Empréstimo de Paula Pena.



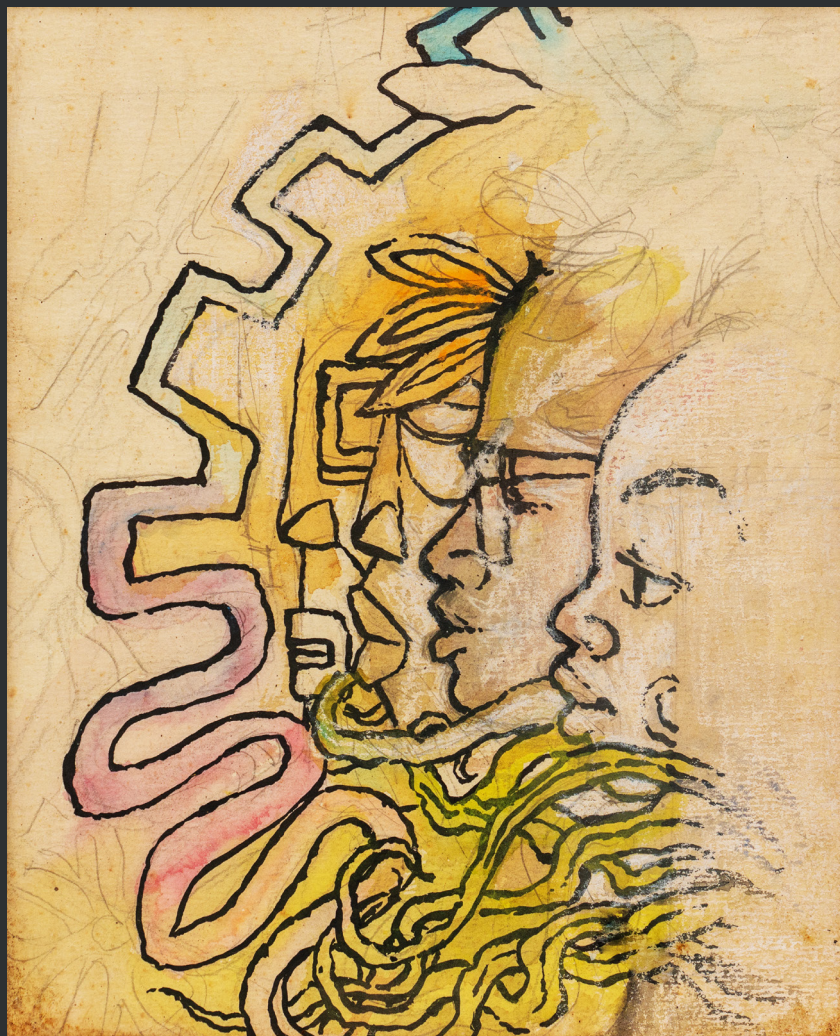
"Banga". Desenho de Henrique
Abranches, 1974. Arquivo Lúcio
Lara - ATD.



Capa do “Manual de Alfabetização” do CEA, ilustrado por Henrique Abranches, anos 60. Arquivo Lúcio Lara – ATD.



Capa de "História de Angola".
Publicação do CEA, 1965.
Arquivo Lúcio Lara - ATD.



Quadro de Henrique
Abranches, ano desconhecido.
Empréstimo de Mbeto Traça.



Nota de 50 Kwanzas de 1984, desenhada por Henrique Abranches. Empréstimo do Museu da Moeda.



...
"A Mãe-Pensador
na nossa mente.
Ela é a nossa longa consciência.
Ela não tem senão um velho pó
como palavras justas em roda de uma oval.
Ela não tem senão a força
e toda a ciência
da sua oval talhada
num pedaço de ideia universal."

Henrique Abranches

H. Abranches

Ilustração e poema de Henrique
Abranches, ano desconhecido.
Arquivo Lúcio Lara - ATD.

Informações Legais

Exposição:

Ideia: Abraão Eba & Goethe-Institut Angola

Curadoria: Don Sebas Cassule & Goethe-Institut Angola

Design da Exposição e Produção: Iris Buchholz Chocolate

Montagem: Equipa do Memorial Dr. António Agostinho Neto, Don Sebas Cassule, ONART & Goethe-Institut Angola

Empréstimo de obras: Associação Tchiweka de Documentação, Cristina Pinto, Francisco Van Dúnem, Henrique e Gabriela Guerra, Instituto Nacional de Património Cultural, Lito Silva, Mbeto Traça, Ministério da Cultura, Turismo e Ambiente, Museu da Moeda, Olímpio de Sousa e Lindomar de Sousa, Paula Pena, Paulo Abranches, Raquel Andrade, Victorino Kiala

Pesquisa: Arno Holl, Allícia Santos, Don Sebas Cassule, Cristina Pinto

Comunicação: Keita Mayanda

Catálogo:

Primeira edição 2021

© 2021 **textos:** Pepetela, Cristina Pinto, Goethe-Institut e.V.

© 2021 **fotografias:** Goethe-Institut e.V., casos contrários são indicados nas legendas das imagens.

Todas as fotografias são da autoria de Njoy Fontes, produzidas em 2021. Casos contrários são indicados nas legendas das imagens.

Editores: Gabriele Stiller-Kern, Arno Holl, Maximilian Wemhöner, Allícia Santos

Produção Gráfica: Estúdio Olindomar

Goethe-Institut Angola

Rua Comandante Kwenha 272

Maculusso, Luanda, Angola

Tel.: +244 921 733 134

info-luanda@goethe.de

www.goethe.de/angola



Memorial Dr. António Agostinho Neto

Avenida Dr. António Agostinho Neto

Praia do Bispo, Ingombota, Luanda, Angola

Tel.: +244 222 653 900

<https://maan.itsbrand.co.ao/>

MAAN

Memorial Dr. António Agostinho Neto

Estúdio Olindomar

Avenida Hoji Ya Henda, ex-Avenida do Brasil, nº85

Rangel - Luanda, Angola

Tel.: +244 932 141 117

+244 932 141 116

+244 925 018 556

olindomar.estudio@gmail.com

www.facebook.com/pg/EstudioOlindomar



MAAN

Memorial Dr. António Agostinho Neto

